REFLEXÕES SOBRE O TEMA CORPO GENERIFICADO FEMININO E RISCO SOCIAL: IMPORTÂNCIA DO ESTUDO NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA A PARTIR DA VULNERABILIDADE DE GÊNERO

Alícia de Oliveira Moreira Pereira
Universidade Federal de São João del-Rei
E-mail: aliciaoliveirapereira@gmail.com

Carla Juscélia de Oliveira Souza
Universidade Federal de São João del-Rei
E-mail: carlaju@ufsj.edu.br

Resumo:
A discussão apresentada neste texto busca refletir acerca da inserção das temáticas de gênero nas análises geográficas, em específico relacionada a vulnerabilidade do corpo generificado feminino. Esta reflexão mobiliza diálogos a partir da concepção de risco social, de geógrafos e geógrafas portugueses, da Geografia Cultural Renovada e das chamadas Geografias feministas, bem como reflete o papel potente da Educação Geográfica na construção de um olhar espacial e do corpo, a partir do entendimento da vulnerabilidade de gênero. A inclusão de temáticas como o risco social e a vulnerabilidade de gênero, em uma perspectiva espacial, constitui possibilidade de problematizar a totalidade das relações de poder e sociais que transcorrem nos lugares e territórios cotidianos dos educandos. A metodologia utilizada resulta de uma revisão bibliográfica e reflexões realizadas na interface do Risco social, Geografia Cultural Renovada/Geografias Feministas e Educação Geográfica. Em relação aos resultados dessa reflexão teórica, evidencia-se a possibilidade e importância do diálogo entre esses campos do conhecimento para pensar a vulnerabilidade espacial de gênero, a partir do território e sujeitos vulneráveis. Portanto, a construção de um olhar espacial da vulnerabilidade, em percurso de uma Educação Geográfica, pode auxiliar no entendimento espacial do risco social, em específico a vulnerabilidade associada ao gênero feminino.

Palavras-chave: Educação Geográfica; Vulnerabilidade; Risco Social; Geografia de Gênero.

Introdução

A sociedade contemporânea está inserida em um sistema de produção no qual a produtividade de riquezas, e a própria produção social e espacial, é acompanhada também pela (re)produção de riscos. Nas últimas décadas, a frequência de acidentes e situações perigosas, resultantes de riscos de ordem natural, ambiental ou social, têm sido agravados e potencializados a partir da combinação de fatores estruturantes da sociedade, que englobam

condições econômicas, políticas, sociais e culturais, refletindo na dinâmica espacial e na produção de conflitos e aumento da vulnerabilidade associada aos corpos.

Nesse sentido, a partir do advento da Modernidade[1] e da própria concepção e construção de sociedade instituída, torna-se cada vez mais abrangente a (re)produção de riscos e processos perigosos de diversas ordens, de modo que, a relação dessas situações materializam-se em diversos tipos de inseguranças, instabilidades e violências, em diferentes graus de severidade. À vista disso, levando em consideração a conjuntura do sistema capitalista de produção, Beck (1998) destaca que vivemos em uma sociedade de riscos, devido a generalização e produção de riscos, perigos, vulnerabilidades, exposições e incertezas, gerando constante sensação de medo e insegurança.

A discussão em torno dos riscos pode ser compreendida a partir da combinação de diversos fatores: naturais, ambientais, econômicos, políticos, culturais e sociais. Neste trabalho, que mobiliza um conceito estruturante e importante da teoria dos riscos, a vulnerabilidade, enfatizamos fenômenos e características sociais que produzem vulnerabilidade em relação aos sujeitos, tornando-os mais expostos a situações perigosas.

Em específico, no que refere-se à abordagem da vulnerabilidade de gênero, recorremos a definição da categoria gênero discutir por Butler (2018), que compreende o gênero como um mecanismo e dispositivo de poder, que regula as práticas humanas e cria fixos de feminilidade e masculinidade instituídos como "naturais", a partir da relação gênero-práticas-fixações. Assim, a vulnerabilidade associada ao contexto do corpo generificado feminino possui uma dinâmica vinculada às práticas humanas culturalmente instituídas, relações estas que coexistem e, também, produzem o espaço geográfico.

Portanto, a partir da perspectiva de que a existência é corporal e, também, espacial a Geografia adquire evidência nessa discussão, a medida em que os fenômenos sociais que produzem lógicas de poder constituem suas práticas espacialmente. Nesse sentido, a partir de contribuições de epistemologias geográficas, advindas de discussões realizadas no âmbito da

[1]Concepção de Modernidade a partir Bauman (1999) que diante dos conflitos cada vez mais globais, foi marcada pela segregação de classes, indivíduos e, principalmente, de nações, possuindo um princípio da determinação de uma ordem. Ao excluirmos o que não faz parte de uma organização, estabelecemos simultaneamente o que faz parte dela (BAUMAN, 1999).

Geografia Cultural Renovada e das chamadas Geografias Feministas, que priorizam nos estudos espaciais a dinâmica do corpo, identidade, poder e sujeitos, o trabalho mobiliza o conceito cindínico de vulnerabilidade, a fim de problematizar as estruturas e mecanismos de poder que produzem o espaço e engendram a corpos femininos maior grau de exposição e vulnerabilidade.

Deste modo, o objetivo principal deste texto consiste na reflexão da vulnerabilidade associada à questão do gênero feminino como um fator de risco social, em que o corpo, presente no espaço geográfico, revela vulnerabilidades. Mediado por essas reflexões, propõe-se pensar a possibilidade dessa temática em contexto de uma Educação Geográfica, posto que a inserção dessa discussão no ensino pode potencializar a construção de um olhar crítico espacial da vulnerabilidade.

Nessa perspectiva, a Educação Geográfica configura-se como um dos caminhos para a percepção e realização de um olhar espacial dessa vulnerabilidade entre os jovens. Nessa perspectiva, a Educação Geográfica configura-se como um horizonte importante de reflexão acerca da construção de um olhar espacial para o entendimento da vulnerabilidade de gênero e das estruturas espaciais que produzem opressões.

A relevância e motivações que justificam a discussão apresentada neste trabalho orientam-se a partir de três eixos centrais, sendo: 1) inserção da abordagem dos riscos sociais vinculada aos estudos dos conteúdos geográficos, a medida em que há uma predominância de estudos voltados para o risco natural e ambiental; 2) potencialidade de análise a partir da escala do corpo, ampliando a inclusão de temáticas emergentes na perspectiva dos riscos sociais, associado às construções sociais de gênero incorporadas e naturalizadas como elementos estruturantes da sociedade, fruto da cultura patriarcal e 3) importância de considerar o espaço da escola como *lócus* que dialoga e reproduz diversos elementos que costuram a sociedade. Neste caso, consideramos a Educação Geográfica como um meio que oferece novas construções e possibilidades de questionarmos as heranças políticas e sociais, construindo possibilidades de redes de resistência e (re)existência, fomentando um olhar espacial crítico da vulnerabilidade. Nesse sentido, trabalhar com a produção social de riscos constitui-se como uma oportunidade de repensarmos, também, a constituição do espaço geográfico.

Metodologia

A metodologia utilizada neste trabalho compreende revisão bibliográfica e reflexões realizadas na interface do Risco social, Geografia Cultural Renovada/Geografias Feministas e Educação Geográfica, com o objetivo de pensar e discutir o tema na Educação Geográfica.

De acordo com Gil (2002) uma vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos, a partir da amplitude das discussões presentes nos materiais de referência.

Os principais autores utilizados nesta reflexão, a partir de referenciais teórico-conceituais presentes em livros e periódicos, para a temática Risco social destacam-se: Faugères (1990); Lourenço (2006,2015); Castro (2019) e Veyret (2007). Na discussão voltada para o campo da Geografia Cultural Renovada/Geografia de Gênero evidenciam-se: Silva et. al (2013), Azevedo (2009) e Brown (2005). Em relação às reflexões do campo da Educação Geográfica, relava-se as produções de Callai (2010); Cavalcanti (2002, 2019); Moreira (2015).

Resultados

Considerando os objetivos e a metodologia do trabalho, apresentam-se como resultados a revisão conceitual e reflexões sobre abordagem do tema corpo generificado feminino na interface Risco Social (vulnerabilidade), Geografia Cultural Renovada e Educação Geográfica, apresentadas em dois tópicos seguintes.

O Risco Social na perspectiva geográfica da vulnerabilidade de Gênero

O conceito de *risco social*, fundamentado na escola portuguesa de geógrafos e geógrafas, pertence ao conjunto maior relacionado aos riscos antrópicos. De acordo com os trabalhos de Faugères (1990) e Lourenço (2015) , esse tipo de risco trata-se de “fenômenos derivantes da (in)capacidade humana de viver em harmonia com o seu semelhante, a partir dos princípios de liberdade e igualdade, gerando desigualdades e iniquidades” (2015, p. 34) que

detém caráter social, econômico, político e cultural. Lourenço (2006) ainda subgrupa os riscos sociais em três categorias: os riscos associados a perturbações dos ecossistemas urbanos e rurais; conflitos bélicos e; os relacionados a convulsões sociais. Levando em consideração a dimensão dos riscos sociais, o sociólogo Bauman (2014) aponta que muitas das sensações sociais associadas à vida contemporânea estão relacionadas com a sensação de precariedade, instabilidade e vulnerabilidade, expressando uma combinação de três tipos de experiências: incerteza; falta de garantias e; insegurança (CASTRO, 2019).

Dessa maneira, pode-se compreender o risco como um objeto de construto social, que de acordo com a geógrafa Veyret (2007) pode ser assimilado como "um perigo possível, mais ou menos previsível, que expõe um grupo ou indivíduo como alvos de possíveis perdas e danos" (2007, p.30). Assim, fundamentado na discussão feita pela autora, o conceito de risco ancora-se em uma perspectiva de fragilidade presente na realidade de um grupo social ou sujeito, alvo da possibilidade de processos ou de situações perigosas decorrentes de vários aspectos. Nesse contexto, o conceito cindínico[2] de vulnerabilidade[3] constitui-se como um importante aporte na análise da exposição dos corpos a possíveis situações de riscos e perigos, socialmente instituídas por relações territoriais de poder.

À vista dessas categorias de abordagem, na concepção do risco social, o subtipo relacionado a *convulsões sociais* destaca-se na abordagem de análise deste trabalho, no que refere-se ao estudo desse tipo de risco na escala do corpo, a partir da perspectiva do gênero feminino, levando em consideração que a produção do risco social legitima determinados tipos de violência. As convulsões sociais, portanto, estão associadas a diversos fatores, especialmente relacionados com questões estruturantes da sociedade, no que tange aos encadeamentos econômicos, políticos, culturais, raciais e de gênero, que comprometem a segurança e ordem de diversos grupos sociais.

Assim, dentre as estruturas sociais que reproduzem e legitimam determinados tipos de violência e ameaças, em relação ao risco sofrido pelo corpo da mulher, a estrutura social

[2]Ciência referente aos estudos dos riscos físicos e humanos.

[3]Importante conceito da teoria dos riscos, definido por Lourenço (2006, p.) como um conjunto de circunstâncias e características de uma comunidade que a torna suscetível aos efeitos nocivos do processo.

advinda da cultura patriarcal[4] e sexista constitui-se como um dos sustentáculos dessa (re)produção de riscos.

Silva et al (2013), sugerem trazer o corpo discursivo para o campo geográfico, onde pode-se investigar as singularidades do corpo presente em uma complexa teia de saberes e poderes. À vista disso, a partir das contribuições de estudos e pesquisas recentes no campo da Geografia Cultural, somados a epistemologia de uma Geografia Feminista[5], que privilegia a construção de um pensamento a partir de olhares invisibilizados no processo de construção espacial, o corpo vem ganhando mais atenção teórica e empírica na Geografia.

Diante disso, alicerçado nessas novas abordagens, que consideram a escala como um importante artifício de análise do corpo, o processo de diferentes formas de produção espacial encontram-se intrinsecamente fundamentadas em uma perspectiva geográfica, conforme aponta Brown (2005). No entanto, mesmo com a relevância da abordagem de estudo através do corpo para a análise geográfica, no Brasil, segundo Silva et al (2013), as potencialidades de estudar o corpo e sua geograficidade ainda aparecem pouco exploradas no âmbito acadêmico e escolar.

A partir dessa concepção evidencia-se a importância da compreensão dos "corpos como objetos discursivos que se diferenciam em cada espaço-tempo" (SILVA ET AL, 2013, p.92). O corpo nessa perspectiva de análise deixa de se configurar apenas como um objeto presente no espaço, para ser compreendido através das relações socioespaciais que se estabelecem. Nesse sentido, conforme Azevedo (2009), a compreensão do corpo como cultural e discursivamente construído representa novas possibilidades de abordagem no campo geográfico. Apesar disso, a relação entre corpos e lugares foi relegada historicamente pelos estudos geográficos (AZEVEDO, 2009) e na medida em que negligenciou o corpo deu ênfase a uma análise "transparente" ou absoluta do espaço, que não contempla os diferentes corpos e sujeitos presentes no espaço.

---

[4]O patriarcado pode ser definido como estrutura de poder legitimada pela família, Estado e religião que, a partir da figura paternal e masculina, constrói hierarquias em que as mulheres são inferiorizadas. O termo também designa toda estrutura social que nasce de um poder do pai (BANDINTER, 1986).

[5]A Geografia, assim como outras ciências, desenvolvem vertentes de estudos a partir da conjuntura e realidade social. Nesse sentido, a Geografia Feminista possui suas bases no movimento feminista, onde geógrafas iniciaram um movimento interno à geografia desde os anos 70. Ademais, também possui o compromisso político de desenvolver estudos teóricos sobre gênero e promover as mulheres dentro das instituições acadêmicas e científicas (SILVA, 2009).

Em contrapartida a essas narrativas plurais desconsideradas, através do diálogo com Silva (2009), destacam-se as potencialidades de estudos geográficos que, principalmente através de bases feministas, ampliam as possibilidades de relações entre as diferenças e a produção do espaço "vinculando as complexas relações entre corpos, identidades e poder" (SILVA, 2009, p.43).

Nesse sentido, abrem-se possibilidades teóricas para a proposição da análise do corpo generificado femino como um fator de risco social no espaço geográfico, associado a estruturas socioculturais que historicamente produzem injustiças, desigualdades, opressão e riscos a partir da condição de gênero. Nessa perspectiva, esses espaços compreendem diversos locais e lugares, seja na escala da casa, do bairro, da região da cidade, do país, dentre tantos outros recortes espaciais, envolvendo um corpo ou milhares de corpos femininos.

A construção da ideia de uma escala do risco, do corpo, é primordial para se pensar nos riscos a partir de uma dinâmica do 'corpo violado', em que o corpo da mulher, inserido e vivido no espaço, compreende diversas situações e processos perigosos de um corpo em risco, corpo este que transita também em recortes mais específicos, que intensificam ainda mais essa exposição, como o recorte racial e sexual, por exemplo, em que "o poder funciona como um mecanismo de apelação, que atrai e extrai estranhezas pelas quais se desvela", encravando-se nos corpos e introduzindo-os a condutas normatizadoras (FOUCAULT, p.50, 1999).

Contribuições da Educação Geográfica para a análise espacial da vulnerabilidade

Em uma sociedade que é marcada pela produção de riscos sociais, a Educação Geográfica possui potencial no que tange ao desenvolvimento e formação de sujeitos, capazes de perceber e intervir frente aos riscos, a partir de uma reflexão crítica da produção espacial. Nesse sentido, para Callai (2010, p.16) "a finalidade da educação geográfica é contribuir na construção de um pensamento geográfico, quer dizer, desenvolver modos de pensar que envolvam a dimensão espacial". Portanto, ao pensar a dimensão espacial do corpo e das relações sociais, influenciados por marcadores sociais como o gênero, é fundamental construir uma educação que leve em consideração a pluralidade dos corpos e que problematize a

produção desses riscos sociais associados ao corpo generificado. Diante disso, a Educação Geográfica e seus princípios, como o raciocínio geográfico, constitui-se como um pilar importante no ensino, a fim de ressaltar a importância da análise espacial da vulnerabilidade associada ao corpo generificado feminino.

Cavalcanti (2002) afirma que, "o trabalho de educação geográfica na escola consiste em levar as pessoas em geral, os cidadãos, a uma consciência da espacialidade das coisas, dos fenômenos que elas vivenciam, diretamente ou não, como parte da história social" (2002, p. 12-13). E, ainda, o ensino de conteúdos "[…] deveria ser uma ação que ensinasse a se fazer análise geográfica de fatos e fenômenos" (CAVALCANTI, 2019, p. 63). Louro (2010) considera a escola como um espaço atravessado pelo gênero, onde as reflexões sobre as construções sociais do masculino e do feminino ganham sentido desde a sua estrutura, onde salas de aula, corredores, banheiros e a organização da educação física nos indicam uma ordem essencialista. Abordar temas como o risco social e a vulnerabilidade de gênero, em uma perspectiva espacial, constitui possibilidade de problematizar a totalidade das relações de poder e sociais que transcorrem nos lugares e territórios cotidianos dos educandos.

A perspectiva do raciocínio geográfico, a partir de Moreira (2015), remete a leitura geográfica dos fenômenos sociais estruturado a partir das categorias base de análise geográfica - como paisagem, espaço e território - sendo que essas categorias são sustentadas por princípios lógicos de localização, distribuição, distância, conexão, delimitação e escala. Nesse sentido, o raciocínio geográfico, além constituir uma concepção, é um princípio lógico de apreender o espaço geográfico, imbricado em princípios que constituem o processo de construção de uma Educação Geográfica efetiva, fundamentada em noções pedagógicas e referenciais teórico-metodológicos que produzem uma forma de 'pensar e raciocinar' a partir da Geografia.

Uma Educação Geográfica alinhada ao pensamento e o raciocínio geográfico, possui potencial de contribuição na construção de um olhar espacial para o fenômeno vulnerabilidade dos corpos generificados femininos. Vulnerabilidade que decorre da interação de diversos fatores como cultura, condição econômica, infraestrutura, cotidiano, modo de vida, etc. Esse olhar possibilita ao estudante perceber a partir dos componentes visíveis na paisagem e nos territórios, os fatores invisíveis como a interação localização, crime/violência, cultura

patriarcal, por exemplo. Em muitos casos, cabe considerar também as relações socioespaciais - de acesso, de exclusão, de marginalização, de subjugação, de exposição - que ajudam a compor o espaço geográfico, em conexão com as categorias gênero, corpo, sociedade e riscos.

A relação entre Geografia e risco social - a partir da vulnerabilidade espacial de gênero, em contexto da Educação Geográfica - contribui para o pensar e agir espacialmente por meio de um raciocínio geográfico. Esse raciocínio e pensamento espacial auxilia na construção de uma percepção e consciência do corpo-espaço em relação a vulnerabilidade de gênero, imbricada em relações de poder, apresentada na figura 1.

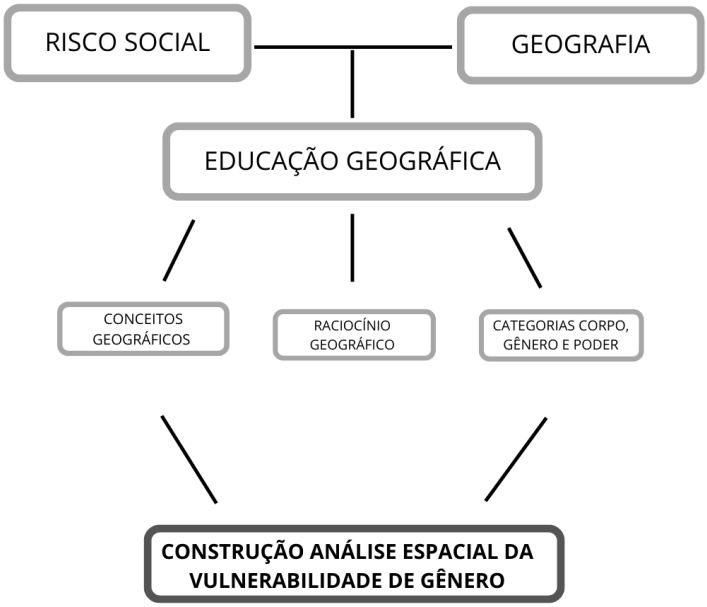

Figura 1: Organograma da construção de uma análise espacial da vulnerabilidade de gênero, a partir da Geografia.

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2022.

A partir da discussão do risco social alinhado à perspectiva da vulnerabilidade de gênero, evidencia-se a importância de pensar o espaço-corpo em uma dinâmica geográfica, problematizando os discursos hegemônicos, as produções de riscos relacionados ao gênero feminino e as estruturas e práticas cotidianas que geram desigualdades e iniquidades de gênero.

Considerações Finais

Diante de uma sociedade notoriamente marcada pela naturalização das relações entre as diferenças corporais e desigualdades entre os gêneros, ancorada em uma argumentação biomédica que contribuiu para manter a ordem patriarcal, que relegou o feminino ao "segundo sexo", o corpo genificado constitui-se como ponto central na discussão do risco social e reflexão a partir da perspecrtiva de gênero como um fator de risco. Ademais, pensar a realidade desse risco em contexto da Educação Geográfica torna-se significativo, a medida em que a reprodução de dinâmicas de poder e de riscos estão presentes na geografia dos e das estudantes.

Por conseguinte, levando em consideração perspectivas epistemológicas e conceituais geográficas, a construção de um olhar espacial da vulnerabilidade, em percurso de uma Educação Geográfica, pode auxiliar no entendimento espacial do risco social, em específico a vulnerabilidade associada ao gênero feminino, implicando diretamente na "preocupação de questionar as parcialidades que reforçam os sistemas de dominação" a fim de perceber no espaço geográfico as relações sociais de gênero que produzem riscos (HOOKS, 2013, p.20) e as complexas relações que produzem e constituem o espaço geográfico.

Assim, levando em consideração os fundamentos teórico-conceituais acerca da realidade espacial, discutidos por Cavalcanti (2019), conteúdos podem ser trabalhados na geografia escolar, de modo a pensar a realidade a partir das complexas relações estruturais e sociais que constituem o espaço, possibilitando a construção de um olhar geográfico crítico, reflexivo e transformador.

Referências

AZEVEDO, Ana Francisca. **Desgeografização do corpo**. Uma política do lugar. In: AZEVEDO, A.F, PIMENTA, J. R; SARMENTO, João (orgs) Geografias do corpo: ensaios de geografia cultural. Livraria Figueirinhas, 2009, p. 31-80.

BECK, Ulrich. **Risikogesellschaft**. Aufdem weg in eine andere moderne. Frankfurt: Suhrkamp, 1986. In: ALEXANDRE, Agripa F. A dinâmica da sociedade de risco segundo

Antony Giddens e Ulrich Beck. Geosul, Florianópolis, v.15, 0.30, p 150-167, 1998.

BROWN, Michael P. **Espaço do armário: Geografias da metáfora do corpo ao globo** . Routledge, 2005.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Editora José Olympio, 2018.

CALLAI, Helena Copetti. **A Geografia ensinada: os desafios de uma educação Geográfica**. FORMAÇÃO DE PROFESSORES: conteúdos e metodologias no ensino de Geografia. Goiânia - GO, 2010. p. 15-37.

CASTRO, Fátima Velez de; FERNANDES, João Luís J. **Territórios quotidianos, riscos sociais e vulnerabilidade da população: análise preliminar do conceito de urbicídio**. 2019.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e Práticas de Ensino**. Goiânia: Editora Alternativa, p. 11-46, 2002.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Pensar pela geografia** - ensino e relevância social. Goiânia: C&A, Alfa, 2019.

FAUGÈRES, Luciene. **La dimension des faits et la théorie du risqué**. In: European Coordination Centre for Research and Documentation in Social Sciences, Le Risque et la Crise. Malta: Foundation for International Studies, 31-60, 1990.

FOUCAULT, Michael. **História da Sexualidade**, vol. I A Vontade de Saber. 13a ed. Rio de Janeiro, 1999.

GIL, Antonio Carlos et al. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.
HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo Martins Fontes, 2013.

LOURENÇO, Luciano. **Riscos naturais, antrópicos e mistos**. Territorium, Portugal, v. 14, p. 109-113, 2006.

LOURENLO, Luciano. **Risco, perigo e crise**: pragmatismo e contextualização. In: Siqueira, A., Valencio, N., Siena, M., Malagoli, M. A., Riscos de desastres relacionados à água. Aplicabilidade de bases concetuais das Ciências Humanas e Sociais para a análise de casos concretos. São Paulo: RiMa Editora, 3-43, 2015

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da Sexualidade**. In: LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p.7-34.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em Geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

SILVA, Joseli; ORNAT, Marcio J.; CHIMIN, A.B.J (orgs). **Geografias Malditas: corpos, sexualidades e espaço**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2013. p.400.

VEYRET, Yvette (org.). **Os riscos**: **o homem como agressor e vítima do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 2007.